

# DOCÊNCIA NA CONTEMPORANEIDADE: DESAFIOS PARA PROFESSORES NO ENSINO SUPERIOR

*Léa Ribeiro Da Silva<sup>1</sup>*

## RESUMO

Este artigo fala sobre os desafios do trabalho docente no ensino superior e sobre as práticas docentes necessárias para que as ações de ensinar e de aprender sejam verdadeiramente realizadas de forma a possibilitar a construção do conhecimento no ambiente da instituição de ensino superior na atualidade. Aqui são mostrados os desafios perante os alunos de hoje devido às suas mudanças de comportamentos, de prioridades e da importância que dão para a aprendizagem formal.

Questões como: o que é ensinar e o que é aprender nos dias atuais, quais estratégias de ensinagem são necessárias para o efetivo aprendizado dos alunos, quais características o docente precisa apresentar para ser considerado um profissional competente, como está o ensino superior na atualidade, quem são os alunos ingressantes no ensino superior e o que buscam e como estes alunos se relacionam com os professores e com a instituição de ensino superior na Era da Informação, estão presentes neste artigo.

**Palavras-chave:** Docência Ensino Superior. Construção do conhecimento.

## ABSTRACT

This article talks about the challenges of teaching in higher education and on teaching practices necessary for the actions of teaching and learning are truly made in order to enable the construction of knowledge in the institution of higher education in today environment. Here are shown the challenges students face today due to their behavioral changes , priorities and the importance they attach to formal learning .

Questions like : what teaching and learning is that nowadays, teaching and learning strategies which are necessary for effective student learning , which features the teacher must fulfill to be considered a competent professional , as is higher education today , who are commencing students in higher education and what students want and how they relate to the teachers

---

<sup>1</sup> Formada em Letras pela Universidade de São Paulo – USP (bacharelado e licenciatura). Exerce atividades nas áreas de Recursos Humanos e de Treinamento em empresas privadas há 23 anos. É Pós-Graduada em Docência no Ensino Superior pelo Instituto Presbiteriano Mackenzie-IPM – São Paulo.

and the institution of higher learning in the Information Age , are present in this article .

**Keywords :** Teaching Higher Education. Construction of knowledge .

## 1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre os desafios da docência no ensino superior na atualidade se faz necessário para que o professor, no desempenho de sua profissão, possa entendê-los claramente e melhor atuar. E após esta reflexão, possa observar e analisar de forma mais lúcida os conhecimentos de seus alunos, planejando ações fundamentais para que escolhas cada vez mais adequadas de estratégias de ensinagem possam ser realizadas em prol da formação destes alunos.

Se nas últimas décadas as portas das instituições de ensino superior se abriram para a entrada de um maior número de alunos, mas em contrapartida, principalmente as escolas públicas, não tem conseguido cumprir seu papel de ensino de base (alfabetização e operações básicas de raciocínio, por exemplo), então estas instituições, ao recebê-los, devem se comprometer em fazer as devidas compensações entre o que estes alunos aprenderam e o que precisam saber para obter um bom desenvolvimento em sua formação de nível superior, e igualmente orientá-los e motivá-los, para que, ao concluírem seus cursos de graduação, estejam de fato capacitados para a vida, para o mercado de trabalho e para a sociedade. E esse artigo pretende ser útil no levantamento de dados que ajude a entender algumas questões relacionadas com esta problematização.

2

## 2. ENSINAR, ESTRATÉGIAS DE ENSINAGEM E APRENDER

Transmitir conhecimentos, instruir e mostrar são alguns sinônimos para o verbo transitivo direto “ensinar”, conforme Ferreira (2010). Assim como repassar a alguém ensinamentos sobre algo e tornar algo familiar a este alguém, são alguns conceitos apresentados por Houaiss (2009) para a mesma palavra.

Mas, o conceito que melhor remete à ideia de que alguém está ensinando algo importante para outro alguém é o de “educar”. Educar, que etimologicamente significa “ir de um lugar para outro” (do latim, *educare*, inicialmente composta por *ex-ducere*, ideia de introduzir alguém ao mundo através da instrução e que também pode ser entendido como “levar junto para outro lugar”), (GALLO, 2012). A ideia aqui é pensar numa cena na qual um morador de uma cidade distante recebe um visitante e o leva para conhecer pontos turísticos de sua cidade. E verificar que ao mesmo tempo em que ele apresenta elementos novos a quem não os conhecia, ouve as perspectivas desta pessoa com relação ao passeio e conhece sobre tudo aquilo que ela pesquisou a respeito da cidade antes de estar ali, percebendo então o quanto este visitante se preparou para o passeio. Chega-se então à conclusão de que ambos se beneficiam um do conhecimento do outro. Um se beneficia das sensações e percepções do outro reciprocamente. A relação do educar, sob este ponto de vista, é profundamente humana e leva em consideração que ambas as partes ensinam, mas também aprendem. E não sendo desta forma, não há de fato o exercício da aprendizagem.

Ensinar então significa comunicar, mas não apenas. Ensinar, de acordo com Nóvoa (2007), vai além, pois o docente não pode se posicionar no senso comum, preparando a mesma aula diariamente, utilizando como referências as mesmas estratégias que observou seus próprios professores utilizarem em outras épocas e realidades ou, ao ouvir seus colegas comentando sobre a defasagem de conhecimento dos alunos e sobre o desinteresse que apresentam em sala de aula, preparar unicamente aulas expositivas e automáticas, por considerar que de qualquer forma, se empenhando ou não na busca de estratégias capazes de auxiliar no processo de aprendizagem de seus alunos, estes não se interessarão.

Nietzsche (*apud* DUARTE JUNIOR, 2006) afirmava que muito além deste senso comum, a primeira tarefa da educação é ensinar a ver e chamava a atenção para o fato de que ver é coisa complicada, por não ser uma função natural para o ser humano no sentido de que é preciso um mediador entre o objeto de estudo e o aluno para que este possa enxergar o que no objeto está escondido, tendo então a possibilidade de interagir com este objeto.

Alves (2005) diz que os alunos não precisam gostar do que estão vendo, a partir das orientações do professor, mas precisam ser apresentados para o máximo de possibilidades de visões para que possam fazer suas próprias escolhas no futuro. Pois ensinar é proporcionar ao aluno o conhecimento da existência e do manuseio do máximo de ferramentas possível e levá-lo a construir seu conhecimento, tendo em vista que o professor não pode transferir-lhe os seus próprios conhecimentos, mas pode e deve ser o mediador entre o conhecimento e o aluno.

Para tanto, o professor precisa despertar o interesse de quem aprende, precisa saber que existe uma reação/equação entre o que o professor diz com o que o aluno já traz de bagagem para dentro da sala de aula. É necessário levar em consideração o que o aluno já traz de vivência e de história de vida, pois se o que o professor disser não fizer sentido para o aluno dentro de sua realidade e/ou perspectivas, este não poderá transformar aquilo que ouve numa nova ideia, num efetivo aprendizado. Sendo função do professor, ensinar, antes, precisa refletir sobre aquilo que irá ensinar e para quem, e também como e para quê irá fazê-lo. Porque apenas com esta reflexão inicial possibilitará a si mesmo, também ver e enxergar o aluno com o qual irá desenvolver o processo de aprendizagem permitindo ao aluno o exercício de sua própria visão e tomando o devido cuidado para não “contaminar” o aluno com seu olhar já viciado de professor.

Esta ação é possível com o que Alves (2005) chama de “desensinar”, que seria trabalhar a visão “curta” e limitada com a qual o aluno chega ao ensino superior para aprender o novo e enxergar além daquilo que já existe. Desaprender seria esquecer o que já se aprendeu, para “quebrar o feitiço” da articulação da linguagem que, segundo ele, limita a visão do aluno para o real aprendizado, impedindo-o de desconstruir o que recebeu de informação para reconstruir e produzir novas ideias. Sendo assim, o aluno precisa ter e sentir a liberdade para aprender o novo, para não se limitar àquilo que o professor traz e para conseguir ir além das ideias e das teorias apresentadas, compreendendo assim, coisas que talvez nem o professor tenha compreendido. A ideia seria então, não apenas somar saberes, mas subtraí-los para que coisas novas possam ficar claras e haja então, o real aprendizado para todos os envolvidos.

Já de acordo com Veras (2011), ensinar no ensino superior atualmente caracteriza-se por seu aspecto de capacitação profissional, a partir do qual o professor precisa discutir sobre o tecnicismo da futura profissão de seus alunos, ansiosos em ser competentes em suas almeçadas atividades após estarem formados. A postura do professor não deve ser a de “ensinante” nem a de treinador, mas a de “estar com” os alunos, trabalhar com eles, para que o ensinar seja algo vivo e estimulante. Pensar o ensinar desta forma deve estimular os alunos, mas igualmente ao docente, pois ele também, como humano que é, precisa se sentir vivo, fazedor de atividades que lhe tragam prazer e realização pessoais, e não apenas um cumpridor de regras do espaço onde trabalha ou repetidor de métodos aprendidos quando ele próprio era aluno do ensino superior.

Desta forma, ensinar deve ser parte de um processo criativo, no qual professores e alunos sejam desafiados a todo instante a sempre procurarem mais e, após encontrarem o objeto procurado, tenham a inquietação de procurar por outro, conscientes da importância de mentes ávidas pela construção constante do conhecimento. O professor, inclusive, pode usar a ânsia de conhecer conteúdos novos com a qual o aluno chega ao ensino superior para mostrar-lhe exemplos de práticas que o auxiliem a alcançar o aprendizado permanente e sobre a importância da dúvida para que a geração de novos pensamentos seja possível.

É válido chamar a atenção neste ponto para a ideia equivocada, porém existente de que ensinar seja ação de pessoas possuidoras de algum dom. De acordo com Nóvoa (2007), trata-se da perigosa ideia do professor missionário, dotando-o com um dom especial capaz de transformar erros da sociedade em acertos. O papel do professor nesta visão, muito parecida com a de um sacerdote, perde sua principal característica de profissional preparado, de mediador, de orientador sobre assuntos de sua especialização e qualificação profissional. Assim, sem o reconhecimento desta qualificação, se um aluno desiste de um curso ou mesmo passa a faltar nele, então o professor é apontado como sendo um pastor que não soube manter suas ovelhas no bom caminho. A sociedade tem depositado nas instituições de ensino no geral, incluindo o ensino superior, o que o autor chama de excesso de missões: a família, base de formação de caráter e de opiniões, atribui ao espaço da

aprendizagem mais esta tarefa: a de educar seus filhos e/ou a de corrigir suas ausências.

O ensino superior precisa recusar todas as tendências que apontam o espaço de aprendizagem como serviço social e levar a instituição de ensino a reafirmar-se. Ensinar no ensino superior não é ser conselheiro e o foco do professor é a aprendizagem dos alunos sobre sua área de formação e de especialização, para a qual se preparou enquanto profissional competente que deseja ser através de seu trabalho. A profissão do docente do ensino superior e suas atribuições precisam estar claras para a sociedade e esta sociedade precisa ser alertada sobre isso: ser professor é ser um profissional na área de educação, e, assim como em qualquer outra área, possui responsabilidades, legislações, atribuições e cobranças próprias. De forma que o professor não pode se responsabilizar por todos os problemas gerados pela política e economia de seu país e não deve assumir as responsabilidades de todos os assuntos da sociedade, pois dessa forma, estará se igualando às igrejas ou às instituições de serviço social.

Com tudo isso, a reflexão que se faz sobre o que é ensinar no ensino superior na contemporaneidade, em tempos de concorrência profissional, política e econômica extrema e de sentidos comuns exacerbados e praticados, é que esta atividade exige do docente um entendimento real do perigo das caricaturas extremas e de sociedades que impõem seus valores e princípios aos programas de educação. Esta exigência consiste em mostrar aos alunos outros mundos, além daqueles nos quais vivem e em caminhar com eles além das fronteiras dos rótulos impostos pela sociedade de consumo imediatista. As regras de vida em comum de respeito e de ponderação sobre a convivência entre pensamentos diversos devem estar presentes no ensinar do ensino superior, expandindo a visão dos alunos habituados à estreiteza de grupos fechados. Fronteiras muito definidas, opiniões muito evidentes e tendências a sentidos comuns devem ser desmistificados no ensino superior para que os alunos de fato aprendam com a possibilidade da diversidade que o conhecimento proporciona.

Outra reflexão válida é que o professor não deve deixar que seus alunos concluam o ensino superior sem que tenham aprendido de fato, sem que tenham adquirido aprendizagens necessárias para sua profissão ou mesmo

sem ferramentas mínimas para que se integrem e participem ativamente da sociedade como cidadãos e profissionais que sabem o que estão fazendo e dizendo, capazes de decidir com autonomia e preocupação com o bem estar de todos os envolvidos que serão afetados por suas decisões e pelo resultado de seu trabalho.

Para se assegurar que o ensino esteja de fato acontecendo, o professor não pode viver numa lógica isolada, fechado em sua sala de aula, sem prestar contas a ninguém, sem ter uma parte de sua reflexão mais coletiva (Nóvoa, 2007). Ensinar exige o cuidado de fazer o aluno pensar no bem coletivo e no valor básico da educação do ensino superior que é equalizar esta educação de modo que todos tenham acesso ao conhecimento, direcionando todo o aprendizado para o bem comum. Por isso, os conteúdos ensinados devem instrumentalizar os alunos com: base conceitual, para que possam saber sempre mais sobre o que estão aprendendo e tenham condições de representar o que foi estudado; com base procedimental, para que saibam fazer o que foi aprendido e possuam mecanismos operatórios que lhes deem possibilidade para tanto; e com base atitudinal, para que saibam ser e tenham disposições para agir, sentir e posicionar-se.

E para garantir o sucesso de seu trabalho, o professor deverá se instrumentalizar com estratégias de ensinagem\* que possibilitem o bom aproveitamento das aulas e das atividades propostas por ele, pois é através da aplicação de estratégias bem preparadas para cada turma e para cada conteúdo que o envolvimento dos alunos se torna mais efetivo.

Masetto (2003) discorre sobre exemplos destas estratégias, contudo, as melhores estratégias para trabalhar com os alunos da contemporaneidade serão aquelas que atendam às dinâmicas desta nova geração de alunos (estímulo, experiência, envolvimento e emoção), conforme Veras:

Uma geração sucede outra, e é preciso atenção às tendências que, em alguns anos,

\*O conceito de ensinagem está explicitado em Anastasiou (2003) e foi adotado para significar uma situação de ensino da qual necessariamente decorra a aprendizagem e na qual a aula expositiva não deva ser a única forma de

ensinar, apesar de também ser válida como uma das estratégias de ensinagem.

mostrarão a necessidade de renovação desse conteúdo. Entretanto, ainda que os métodos possam ter um ciclo de vida cada vez mais curto quanto à sua forma, o propósito inicial que fundamenta a adoção dessas novas práticas em sala de aula permanece o mesmo: a aprendizagem de nossos alunos. Essa é a razão pela qual é fundamental ter claro o objetivo de aprendizagem antes da opção por um dos métodos apresentados. (2011, p. 154).

Entendendo-se por aprendizagem tomar conhecimento de algo, instruir-se e tornar-se capaz de fazer alguma coisa graças a estudo, observação, etc. São estes alguns sinônimos para o verbo transitivo “aprender”, apresentados por Ferreira (2010). Já em Houaiss (2009) encontramos para o mesmo verbo as seguintes denominações: adquirir conhecimento de algo a partir de estudo e vir a ter melhor compreensão a respeito de algum conteúdo.

E para se chegar ao conhecimento do conteúdo, para aprender de fato, o aluno do ensino superior terá que caminhar juntamente com os professores e colegas. Isso porque o trabalho em conjunto com outras pessoas que possuem o mesmo objetivo que é aprender, facilita o trajeto ao longo do curso. Ao mencionar curso, é importante sinalizar que o aluno também necessita de um olhar diferenciado sobre o seu papel no ambiente da instituição superior, pois ele está ali em busca de um ideal, à procura de aprender conteúdos.

Pois aprender requer ânimo, vontade e também consciência da necessidade de humanização do aprendizado, sem direcioná-lo apenas e compulsivamente com finalidade utilitária do interesse de mercado de trabalho (MORIN, 2003). Aprender exige esforço, dedicação, questionamentos, hábito por pesquisas e prudência para não tornar o aprendizado em tarefa mecânica e de procedimentos institucionais com finalidades diversas como obter boas notas, por exemplo. Aprender não é ser adestrado a pensar de certa forma para continuar pensando igual ao professor e repetindo velhas fórmulas e copiando velhos conceitos. Aprender é entender algo de tal forma, tão completa e genuinamente, que possa ser possível transformá-lo, melhorá-lo e



até modificá-lo. E para que o aluno do ensino superior chegue a esta possibilidade de modificação o aprender precisa ter se transformado em conhecimento.

Para aprender, o aluno do ensino superior precisa estar disposto a desconstruir o objeto estudado com o intuito de que possa entendê-lo suficientemente a ponto de ser capaz de reconstruí-lo de uma nova forma, sob um novo enfoque e com uma melhor reflexão para si e para a sociedade. E, conseqüentemente, para um melhor aproveitamento da desconstrução e reconstrução de um objeto estudado, professor e aluno devem entender a importância daquilo que já sabem. Por isso o professor precisa valorizar e utilizar aquilo que o aluno trouxe em sua bagagem de vida até chegar ao ensino superior, pois quanto mais relações o aluno for capaz de fazer entre o que já sabe com o que está aprendendo, mais poderá avançar no processo de aprendizagem. E relativamente, quanto mais distante estiver do novo conceito apresentado, mais esforço terá que fazer para aprendê-lo e para fazer relações cognitivas a respeito dele, o que pode causar desinteresse pelo estudo.

Assim como para Maturama e Varela (2004), que afirmam que aprender não é adquirir o que já existe, mas transformar em coexistência com o outro o próprio mundo de que se dispõe, tendo como ferramenta mais poderosa a reflexão consciente, é necessário que os alunos sintam-se responsáveis pela sua construção de aprendizagem e percebam que o exercício de aprender precisa ser construído coletivamente. E tenham inequívoco em suas mentes que aprender, muitas vezes é desaprender e começar tudo novamente, e, através do embasamento teórico de tudo o que já conheceram, sejam capazes e estejam dispostos a fazer história e a produzir conhecimento: a aprender.

### **3. O PROFESSOR COMPETENTE E O ENSINO SUPERIOR NA ATUALIDADE**

Conforme divulgação do Censo (2010), a atuação dos professores do ensino superior na atualidade não se restringe à graduação, mas incorpora também atividades na pós-graduação e pesquisa, havendo então a possibilidade de diversidade de ambientes de estudo, mas, por outro lado, sobrecarregando o docente.

E de acordo com Masetto (2003), o século XX chegou ao fim apresentando algumas mudanças no ensino superior e uma delas diz respeito ao perfil do professor. O docente do ensino superior deixou de ser o foco no cenário do ensino e, conjuntamente com o aluno, passou a ocupar o centro deste cenário, passando ambos a ser coparticipantes do mesmo processo. Mudou-se também a atitude do professor, deixando de ser unicamente um especialista em alguma área de atuação no mercado de trabalho, capaz de ensinar, e transformando-se em um profissional da área de ensino, capaz de motivar e incentivar o aluno no processo de aprendizagem. O professor deixou de ser a única fonte de informações do aluno, e passou a explorar com ele outros ambientes de aprendizagem, valorizando então o processo coletivo, que consiste em aprender com outros alunos, com outros professores de outras áreas e com profissionais não acadêmicos, estendendo o ambiente de aprendizagem para a sociedade de modo geral.

Desta forma, buscou-se desenvolver competências próprias para a atividade da docência no ensino superior, entendendo-se que para ser um bom docente, muito mais do que ser um especialista em alguma área ou ser um reconhecido profissional no mercado de trabalho, há a necessidade de conhecer especificidades que levam estes profissionais à competência na área na qual atuam e não apenas pessoas dispostas a repassar sua experiência profissional fora do ambiente do ensino superior a alunos cuja pretensão seja saber exatamente como estes profissionais trabalham para ter condições de replicar suas práticas no futuro exercício de suas funções após estarem formados.

Para o autor, a concepção de competência é uma série de aspectos que se apresentam e se desenvolvem conjuntamente, como por exemplo, saberes, conhecimentos, valores, atitudes e habilidades. Possuir características de um bom docente, neste sentido, é ter domínio de conhecimentos básicos em sua área de atuação com experiência no exercício profissional, incluindo pesquisa e entendendo por pesquisa, reflexões críticas, produção de textos, preparação de trabalhos específicos para apresentações em congressos, redação de capítulos de livros, dentre outras atividades. É também possuir domínio na área pedagógica, sabendo atuar com o processo de ensino-aprendizagem e ter condições de utilizar estes conhecimentos pedagógicos para gerir o currículo do curso ao qual se propõe a ensinar, possuindo clareza sobre a relação

professor-aluno e aluno-aluno no processo de aprendizagem e conhecendo bem a tecnologia educacional do momento histórico do qual faz parte.

O bom docente do ensino superior então, não ensina apenas com foco no mercado de trabalho, até porque não tem como saber como estará este mesmo mercado quando seus alunos se formarem. O bom docente trabalha para direcionar a aprendizagem de seus alunos através dos objetivos da instituição de ensino na qual trabalha, com autonomia para encaminhá-los além das exigências mercadológicas. Sempre atualizado com os acontecimentos do mundo contemporâneo e interessado em conhecer seus alunos, o bom docente será capaz de orientá-los e de formá-los de maneira que possam se posicionar social e profissionalmente em suas carreiras no futuro.

Para Masetto,

...só recentemente os professores universitários começaram a se conscientizar de que seu papel de docente do ensino superior, como o exercício de qualquer profissão, exige capacitação própria e específica que não se restringe a ter um diploma de bacharel, ou mesmo de mestre ou doutor, ou ainda apenas o exercício de uma profissão. Exige tudo isso, e competência pedagógica, pois ele é um educador. (2003, p. 13).

Havendo, portanto, características a trabalhar na profissão docente pela capacidade que precisam possuir em facilitar o aprendizado, como por exemplo, a coerência entre discurso e ação, a segurança e a abertura a críticas e às propostas dos alunos (entendida como capacidade de diálogo), a clareza e a objetividade na transmissão de informações, a preocupação com os alunos e com seus interesses, o incentivo à participação e à capacidade de coordenação das atividades, a competência específica na área do conhecimento, o relacionamento pessoal e a paixão pela docência.

O aluno e a sociedade não podem entender o papel do professor como solitário no processo de aprendizagem, pois esta ideia descaracteriza a profissão docente e profissional é o que o professor precisa ser, antes de tudo, para que possa desenvolver um bom trabalho, um trabalho dito marcante.

Entendendo que professor e aluno são indispensáveis para o caminho do conhecimento e para que a ensinagem seja real e concreta, compreende-se que a missão da educação no ensino superior deve ser a de contribuir para a autoformação da pessoa, para ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver e instruir sobre como se tornar um cidadão numa época que exige a construção de uma identidade que seja ao mesmo tempo nacional e planetária. Além disso, Morin (2003) destaca que a missão do didatismo deve ser encorajar o autodidatismo, despertando, provocando e favorecendo a autonomia de espírito. Então ensinar não é transmitir um mero saber, mas apresentar uma cultura que permita compreender a condição humana e auxilie na formação de um pensamento autônomo e livre.

Assim, se a instituição de ensino superior estiver centrada na aprendizagem e não apenas com foco no mercado de trabalho, poderá se preocupar com os alunos, com a sociedade e com o corpo docente, ao invés de preocupar-se apenas com uma esfera da sociedade em detrimento de outra igualmente importante. A importância do foco na aprendizagem destaca-se porque ela aborda um todo de conhecimentos e a necessidade de aprender a aprender como a construção destes conhecimentos deve acontecer. O espaço do ensino superior então deve ser um espaço onde os alunos aprendem a pesquisar, a questionar, a aprender, a estudar, a respeitar, a ver e a trabalhar.

#### **4. QUEM É E O QUE BUSCA: O ALUNO INGRESSANTE**

De acordo com o Censo (2010) os alunos ingressantes no ensino superior são jovens adultos e a idade média dos matriculados é de 26 anos de idade. Segundo Erikson (1998), na escala do desenvolvimento humano estes alunos estariam na fase do amor que compreende o período dos 20 aos 35 anos, na qual compartilham suas ideias com os outros e a forma com a qual lidam com os sentimentos é a mesma forma com a qual lidam com a energia empenhada no trabalho, no estudo e nas relações e na qual há um foco na construção da independência e das realizações.

Entretanto, Oliveira (2004) diz que as fases do desenvolvimento humano não são fixas, pois cada pessoa, de cada contexto social, econômico e familiar terá um momento diferente de desenvolvimento. Sendo assim, o

desenvolvimento cognitivo em cada ciclo de vida não apresenta aspectos estanques, mas sim uma multiplicidade de possibilidades de acordo com a experiência de cada sujeito.

Em ambos os autores observa-se que o sentido de adaptabilidade no adulto é muito forte, pois ele sempre tenta fazer uma disparidade do ambiente no qual se insere, por exemplo, comparando o que ele é com aquilo que o outro é refletindo-se nele quando este outro o agrada, o que leva a perceber que o equilíbrio do adulto nesta faixa etária se dá quando ele é capaz de amar tudo o que faz e tudo aquilo que vive e quando aprende a lidar com aquilo que recebe.

Observa-se também que na fase adulta o aluno participa mais do seu processo de aprendizagem e tem maior consciência quanto aos comportamentos exigidos na sociedade e no ambiente profissional, pois possui maior clareza sobre seus objetivos e sobre os caminhos que deve percorrer para chegar a eles. Mas nem por isso o docente do ensino superior deve esquecer-se da importância deste aluno adulto ser constantemente e adequadamente motivado para mudar seu comportamento caso esta mudança seja necessária para o alcance da construção do seu aprendizado. No entanto, como cada indivíduo possui características próprias de desenvolvimento e como para entender o raciocínio do aluno ingressante no ensino superior é preciso compreender que o universo de um adulto é amplo e de difícil categorização, o docente precisará conversar com o aluno para entendê-lo e para que a necessária contextualização das atividades propostas aconteça de forma a propiciar ao professor e ao aluno o bom desenvolvimento do processo de aprendizagem.

Sendo estes alunos, adultos, o planejamento das aulas precisa ter intencionalidade, ou seja, o professor precisa informar no início de cada curso o que os alunos serão capazes de fazer ao final do mesmo. Esta mobilização se deve pelo fato de o aluno do ensino superior precisar conscientizar-se que deve participar e ser também responsável por sua formação. E que sem isso, ele não irá refletir sobre si ou sobre seu futuro campo de atuação.

Conforme Oliveira (2004), este aluno, sendo adulto, trará características muito importantes para o processo de construção de sua própria aprendizagem, e estas características poderão ser aproveitadas nesta

estruturação. São elas: capacidade de exercer múltiplos papéis e responsabilidades, já adquirida pelo ingresso no mercado de trabalho, uma vez que em sua maioria são de origem social humilde e já possuem alguma experiência profissional, e acúmulo de experiências pessoais, resultando em formas diferentes de aprender e em preferências distintas por modalidades de ensino e/ou de conteúdo. E, sendo adultos, apresentarão então formas diferentes de aprendizagem em diferentes tempos e com objetivos diversos, pautados em suas vidas pessoais.

## 5. A ERA DA INFORMAÇÃO

A Era da Informação na qual vivemos tira do professor do ensino superior o poder de possuidor de informações as quais só poderiam ser conseguidas no passado por aqueles que estavam matriculados em cursos de graduação.

Masetto chama a atenção para o fato de que

...a sociedade brasileira vive, em diversos níveis, o desenvolvimento tecnológico que afeta dois aspectos que são o coração da própria universidade: a produção e divulgação do conhecimento e a revisão das carreiras profissionais. (...) Hoje, sabemos que as funções de produzir e socializar o conhecimento podem ser realizadas por outras organizações, outros centros, ambientes e espaços, tanto públicos como particulares. (2003, p. 13).

Os alunos tem acesso a informações através de vários canais, principalmente dos meios tecnológicos e podem dispor inclusive de dados que o próprio professor ainda não possui trazendo para a sala de aula uma novidade que é a alta e recorrente probabilidade de o professor ser surpreendido por seus alunos com alguma notícia da qual ainda não soube e advinda de alguma fonte da qual não tem conhecimento.

Da mesma forma que a própria formação do aluno também está diferente, pois lhe são exigidas cada vez mais capacitações, certificações e

especializações, com o intuito de que com este contínuo processo de desenvolvimento o profissional desenvolva autonomia, criatividade, comunicação, iniciativa e cooperação. Masetto (2003) chama estes profissionais de “intercambiáveis”, pois o que se espera deles é que sejam capazes de utilizar as mais diversas tecnologias, inclusive sendo capazes de produzir, eles mesmos, novas tecnologias com o intuito de não serem dependentes de outras áreas, seja qual for sua formação e sua colocação no mercado de trabalho. E a instituição de ensino superior e seu corpo de docentes precisam estar preparados para receberem alunos com esta consciência a respeito das exigências do mercado de trabalho.

O autor afirma que

...no âmbito do conhecimento, o ensino superior percebe a necessidade de se abrir para o diálogo com outras fontes de produção de conhecimento e de pesquisa, e os professores já se reconhecem como não mais os únicos detentores do saber a ser transmitido, mas como um dos parceiros a quem compete compartilhar seus conhecimentos com outros e mesmo aprender com outros, inclusive com seus próprios alunos. É um novo mundo, uma nova atitude, um [sic] nova perspectiva na relação entre o professor e o aluno do ensino superior (MASETTO, 2003, p. 14).

Se a Era da Informação trouxe para o ensino superior e para as sociedades de forma geral, a facilidade em encontrar informações, principalmente através da internet, também trouxe problemas encontrados na rede cibernética como fontes inseguras, indicações de obras pouco confiáveis sem legitimação acadêmica e empobrecimento do uso da linguagem.

O receio que existe, segundo Serra (2007), é que na utilização da internet, na qual se encontra todo tipo de informação das mais variadas fontes, o aluno do ensino superior escolha por procurar sínteses de cada direcionamento de ideias, sem uma reflexão mais profunda a respeito de cada conceito. É preciso perder tempo para ganhar conhecimento e neste sentido o aluno não pode aprender através de resumos, se relacionando apenas com os

resultados; precisa entender o caminho percorrido para se chegar a cada um deles.

Assim sendo, o docente do ensino superior deve trabalhar em prol do direcionamento do olhar de seus alunos para a criticidade dos pontos positivos e negativos da Era da Informação, demonstrando a importância de se perder tempo com reflexões e análises e de conhecer os clássicos da literatura teórica de cada área de conhecimento como fontes de informação histórica, social e econômica de outros períodos da humanidade, por exemplo. Ou chamando a atenção para a adequação da linguagem nos variados ambientes dos quais fazem parte com o intuito de desenvolverem a sensibilidade de preocupação com o outro, com aquilo que o outro sabe ou não sabe: a preocupação de verificar se está sendo entendido enquanto estiver se comunicando, independente do instrumento utilizado para tanto.

Outro ponto de reflexão é que as instituições devem tomar a devida cautela na adoção das novas tecnologias e conteúdos que surgem com elas, entendendo que o ensino superior deve se adequar ao novo sem se desocupar do antigo, pois o estudo dos clássicos ajuda a enxergar o ser humano dentro da cadeia histórica e social ao longo da história da humanidade e a aprender com o que traz de contribuição a história antiga.

## **6. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O professor do ensino superior tem à sua frente, numa sala de aula, olhares atentos a cada um de seus gestos e atitudes e por isso Nóvoa (2007) afirma que o primeiro desafio do docente no ensino superior é colocar em prática a ideia de uma melhor organização da profissão docente. Outro desafio, segundo o autor, é a falta de formação mais centrada nas práticas e na análise das práticas. Ele aponta para a formação do professor que é, “por vezes, excessivamente teórica, outras vezes excessivamente metodológica”, havendo um “déficit de práticas, de reflexão e de trabalho sobre as práticas, de saber como fazer”. E aqui voltamos a um desafio já comentado que é a necessidade de maior integração entre os professores, um real trabalho em conjunto, compartilhando experiências continuamente. Se realmente há um déficit de práticas e de reflexão das práticas na formação do docente, então o



professor deve ficar atento ao desafio de não reproduzir em sala de aula, as aulas tradicionais que tenham feito parte de sua formação por insegurança ou por não saber fazer diferente. O professor não pode ser prisioneiro de modelos tradicionais por não ter aprendido a prática e sim, se sentir desafiado diariamente a romper com a barreira imposta por modelos teóricos muito formais, pois eles não o ajudarão a refletir e a inovar suas práticas e não farão dele um bom profissional capaz de motivar seus alunos da atualidade.

Um dos desafios mais difíceis para o professor, no entanto, conforme o autor, é assumir que não aprendeu como se faz na prática quando ele próprio era aluno do ensino superior. Porque assumir isso o coloca num lugar pouco confortável que é o de pedir ajuda ou mesmo o de ser avaliado ou julgado pelos outros colegas professores ou mesmo pelas instituições de ensino, tendo sua credibilidade de profissional questionada. Entretanto, a transparência entre os docentes e a instituição de ensino superior deve existir, com o intuito de proporcionar suporte aos professores menos experientes integrando-os com os professores com mais tempo de profissão.

Desafios também são os vários atributos de “bom docente” esperados pela sociedade: o professor precisa ser interessado, comprometido, competente e atualizado. Precisa atuar como facilitador, mediador e orientador entre o conhecimento e o aluno. Deve utilizar-se de variação de metodologias, técnicas e recursos, visando a aprendizagem e o acompanhamento do processo percorrido pelo aluno e a avaliação do seu progresso. Deve trabalhar em conjunto com os alunos, os desafiando e sendo atento parceiro para tomar a frente quando for necessário e precisa se ocupar em conhecer a individualidade de cada um deles e do grupo, utilizando-se de interação e motivação. Enfim, o professor deve ser um transformador no meio universitário, deve fazer a diferença.

Além disso, deve perceber que apesar da média de idade dos alunos ingressantes no ensino superior apresentada pelo Censo (2010), há que se pensar que existe uma variedade de faixas etárias nas Instituições de Ensino Superior atualmente, principalmente nos cursos noturnos e mapear o que pretende cada grupo de alunos no que diz respeito às suas perspectivas e averiguar quais conhecimentos já trazem de suas vivências sociais e profissionais é mais um dos de seus desafios. E, sobre aqueles que trabalham

verificar se o que os levou ao ensino superior foram exigências da empresa ou da área na qual atuam ou se almejam uma promoção no trabalho ou mesmo se confiam na validade do diploma que terão ao término do curso como moeda de troca para tentar oportunidades melhores de emprego. Claro que num primeiro momento, fazer este tipo de mapeamento pode auxiliar o docente no planejamento do período de estudos e em como irá lidar com estas variedades de pretensões, de sonhos ou até de apatias. E para que estas averiguações e mapeamentos se transformem em instrumentos úteis de trabalho e de reflexão, o professor precisa estar seguro sobre si mesmo no que concerne a como lida com cada grupo de alunos, como encara cada curso de cada instituição, se entende as instituições como estruturas vivas sempre em movimento e que a forma de atuação do ano anterior pode não ser mais ideal para a forma de atuação do ano vigente. Enfim, se está preparado para adaptar-se às diversidades das condições e dos meios de cada ambiente.

O espírito de aprendizado nos dias atuais está no fato de que o professor precisa comunicar-se com o exterior continuamente para entender o universo do aluno que vem de fora e que está longe do seu convívio profissional tendo em vista que o relacionamento entre professor e aluno pode definir e garantir a efetiva aprendizagem. Assumir-se então como membro do grupo de trabalho e de estudo do qual o aluno faz parte, acreditando que se todos se empenharem, alcançarão os objetivos iniciais, torna-se indispensável para que o professor assuma os papéis de mediador, facilitador e orientador.

De nada adiantará ao professor trabalhar para transpor cada desafio que se lhe apresenta se não orientar seus alunos a prestar atenção sobre o lugar que ocupam no mundo, sobre seus direitos e deveres e sobre as ações sobre cada um deles. E para tanto, os alunos precisam saber que não são seres isolados, cujas únicas necessidades precisam ser supridas em detrimento das necessidades dos outros.

A reflexão deve ser exercitada nos alunos, pois precisam analisar previamente sobre os impactos de suas ações passadas, presentes e futuras como cidadãos graduados. E para que este exercício da reflexão aconteça é preciso que alunos e professores se aproximem, compartilhem ideias e impressões, não apenas a respeito da educação e dos conteúdos de seus cursos, mas sobre assuntos cotidianos, sobre a humanidade no geral. Além

disso, os alunos precisam ver o resultado do seu trabalho durante cada ciclo de aprendizagem para que não tenham a impressão de que trabalharam para não chegar a lugar nenhum, daí a importância do professor mostrar o objetivo de cada ciclo e usar a sua experiência para dar direcionamento ao trabalho de seus alunos.

Finalmente, apontando mais um dos desafios da docência no ensino superior da contemporaneidade, Nóvoa chama a atenção para o fato de o professor precisar falar mais com a sociedade e aparecer mais nos meios de comunicação, retomando sua capacidade de intervenção política, perdida há muito tempo:

Numa sociedade midiática, fortemente comunicativa, temos que aprender a falar mais, temos que ter uma voz pública mais forte e temos que aprender a comunicar melhor com o exterior. Na área das ciências, quais são as mais prestigiadas do mundo? São aquelas que nos últimos 30 ou 40 anos tiveram grande capacidade de comunicação com o público, de atração com o público. As ciências do ambiente, as ligadas à astronomia, as ligadas ao cérebro. Vejam que parte significativa daqueles cientistas dedica parte de seu trabalho a comunicar com o exterior, a divulgar cientificamente suas descobertas. (NÓVOA, 2007, p. 17)

Se o que diferencia o professor de outro profissional é o resultado do seu trabalho, cujo principal objetivo é que seus alunos possam compartilhar de seus conhecimentos e se capacitar para ir além deles, a partir do relatado neste artigo, percebe-se que cada decisão do professor será observada por estes alunos que o julgarão positiva ou negativamente, dependendo da coerência com a qual trabalha e expõe a lógica de seus pensamentos e a formação pautada principalmente em teoria pode dificultar esta lógica, pois a formação do professor precisa abordar também a análise de práticas para que possua alicerces seguros de conhecimento e possa atuar de forma a levar segurança e conteúdo a seus alunos e à sociedade, quando voltar a comunicar para ela a respeito dos avanços da área da educação no ensino superior.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. Koan. In: ALVES, Rubem. **A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir**. São Paulo: Papyrus, 2005.

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos. Ensinar, aprender, apreender e processos de ensinagem. In: ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos; ALVES, Leonir Pessate. **Processos de ensinagem na universidade**. Joinville, SC: Editora Univille, 2003.

CENSO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR 2010. **Divulgação dos principais resultados do Censo da Educação Superior 2010**. INEP, 2011. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br:80/index.php?option=com\\_content&view=article&id=17212](http://portal.mec.gov.br:80/index.php?option=com_content&view=article&id=17212)>. Acesso em: 07 jul 2013.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar Edições, 2006.

ERIKSON, Erik Homburger. **O ciclo da vida completo**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.

GALLO, Sílvio. **As múltiplas dimensões do aprender**. São Paulo: COEB 2012 (Congresso de Educação Básica: Aprendizagem e Currículo), 2012. Disponível em:

<[http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13\\_02\\_2012\\_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/13_02_2012_10.54.50.a0ac3b8a140676ef8ae0dbf32e662762.pdf)>. Acesso em: 28 set 2013.

HOUAISS, Antônio. **Novo dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

MASETTO, Marcos Tarciso. **Competência Pedagógica do Professor Universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

MATURAMA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento - As bases biológicas do conhecimento humano**. São Paulo: Ed. Palas Athena, 2004.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: pensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NÓVOA. António. **Desafios do trabalho do professor no mundo contemporâneo**. Livreto publicado pelo Sindicato dos Professores de São Paulo, 2007.

SERRA, Joaquim. Paulo. **Manual de Teoria da Comunicação**. Beira Interior: Livros Labcom, 2007.

VERAS, Marcelo. **Inovação e métodos de ensino para nativos digitais**. São Paulo: Atlas, 2011.